



Daniel Katz

Zilda Maria Beltrão Fraletti

zildafracletti@revistalush.com.br

Zilda Fraletti graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 24 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Na Lush, ela divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas.

A fotografia autoral de Arte e Colecionalismo

O realismo das grandes cidades, a vividez das cores da natureza e o desvendar das paisagens exóticas que a fotografia consegue tão nitidamente registrar estão na exposição Arte e Colecionalismo, na Casa Andrade Muricy, em Curitiba, até 9 de maio, com trabalhos de cinco dos mais expressivos fotógrafos nacionais: Ana Regina Nogueira, Bob Wolfenson, Cristiano Mascaro, Luciano Candisani e Orlando Azevedo.

Para se ter idéia da qualidade e exclusividade de estilo, observadas em 18 imagens, basta considerar a maneira como elas foram selecionadas, pela Schoeler Editions, conceituada editora de fotografia autoral, especializada em edições limitada de portfólios, livros artesanais e prints fine art.

Parte desse realismo impressionista pode ser visto nas fotos de Ana Regina Nogueira, na série Crianças, onde a beleza do preto e branco, a dosagem da luz e a focalização formam um conjunto tão harmonioso, que o próprio tema na imagem desponta com mais vida. De acordo com Pierre Devin, que assina o texto descritivo do portfólio da fotógrafa, Ana Regina pertence à linhagem de Jacques Henri Lartigue, Robert Frank, Willy Ronis, Emile Zola e até mesmo Henri Cartier Bresson, no seu período surrealista, sendo conhecida como uma autora que sempre considerou a sua vida íntima como assunto de interesse fotográfico.

Ana Regina Nogueira

Sem título

Rio de Janeiro 1987

Série Crianças >



Bob Wolfenson

Shangai 2007 >



< Bob Wolfenson



Já a inspiração de Bob Wolfenson parece remeter ao imaginário cinematográfico. Mais precisamente em filmes de Godard e Lynch. É a beleza do conjunto da arquitetura e da iluminação urbana, numa noite enfumaçada, como na imagem Shangai, de 2007. Para Cinépolis, série inédita, o fotógrafo escolheu uma câmera digital de reportagem propícia à aventura. Ele buscava uma maleabilidade análoga à da Nikon com a qual descobriu, com emoção, o mundo e a fotografia na adolescência.

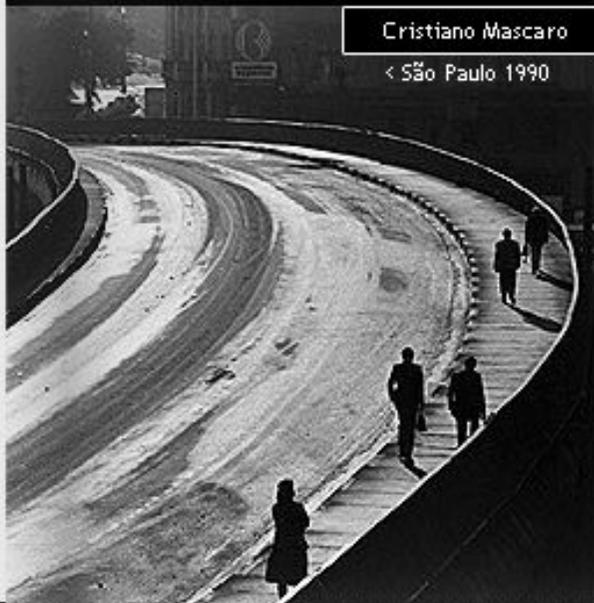
No trabalho Piraputangas, de Luciano Candisani, a água e a beleza do fundo do mar explode em cores e formas. É como se nós mesmo estivessemos mergulhando num mar em terceira dimensão. O forte desejo que a imagem desperta é o de querer preservar aquela maravilha, torná-la intocável, assim como só é e foi possível através da foto.



Luciano Candisani
< Piraputangas - 2005



Cristiano Mascaro
< Duro Preto 1991 >



Cristiano Mascaro
< São Paulo 1990

A profundidade e o enquadramento na fotografia de Orlando Azevedo, mesmo que de algo que por algumas vezes pode passar despercebido, revelam um conjunto perfeito em preto e branco. Como destaca Maria do Carmo Serén, no portfólio do artista, estas são imagens envolvidas de signos, um universo paralelo, onde a paisagem não é a realidade mas um portal que a ela nos conduz. São os lugares domésticos que se revelam sob o olhar de Cristiano Mascaro. A luz é elemento de profundo cuidado. Com isso, um buquê de flores, num vaso que parece foi simplesmente deixado há tempos por ali ganha vida, mesmo no tom único que é o preto e branco. Estas são apenas algumas das impressões que um primeiro olhar a essa mostra revela. A qualidade da abordagem e seleção fazem de Arte e Colecionalismo um revive ao que de melhor se produz em arte fotográfica por autores contemporâneos. ▲